

BLOCO 1 -**TEMA GERAL: 100 ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL
JAPONESES NO BRASIL, BRASILEIROS NO JAPÃO.**

O ano de 2008 marca o centenário da imigração japonesa no Brasil. A bordo do navio Kasatu Maru, 151 famílias, num total de 781 pessoas, partiram de Kobe, no Japão, em 28 de abril de 1908. A primeira fase da imigração, chamada de pioneira, deu-se em meio às grandes transformações econômicas e sociais que vinham ocorrendo no Brasil na época.

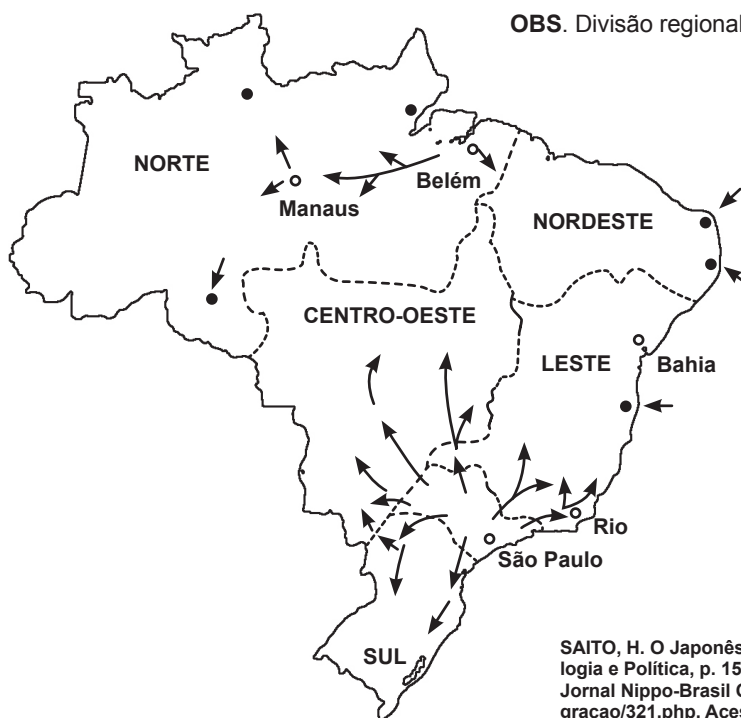
O fluxo migratório japonês teve seu auge de 1925 a 1934, com a chegada ao Brasil de cerca de 120 mil pessoas. Esse movimento foi interrompido durante a Segunda Guerra Mundial, sendo retomado no início da década de 1950. Estima-se em 3 milhões o número de japoneses e descendentes no Brasil hoje, a maior colônia em todo o mundo.

No final do século XX e início do século XXI, passa a ocorrer uma inversão desse processo, com a ida de nikkeis (descendentes de japoneses) nascidos no Brasil para o Japão. Trata-se do fenômeno de kassegui, palavra japonesa aplicada a quem trabalha fora de casa por um determinado período, mas que no Brasil passa a designar nikkeis de nosso país que emigram para o Japão.

**SOBRE O TEMA, LEIA OS TEXTOS E ANALISE FOTO, TABELAS E MAPA A SEGUIR.
COM BASE NESSAS INFORMAÇÕES, RESPONDA ÀS QUESTÕES 1 A 6.****Tabela 1 - Imigração líquida: Brasil - 1881-1930 (em milhares)**

	Chegadas	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses
1881-1885	133,4	32	47	8	8	-
1886-1890	391,6	19	59	8	3	-
1891-1895	659,7	20	57	14	1	-
1896-1900	470,3	15	64	13	1	-
1901-1905	279,7	26	48	16	1	-
1906-1910	391,6	37	21	22	4	1
1911-1915	611,4	40	17	21	3	2
1916-1920	186,4	42	15	22	3	7
1921-1925	386,6	32	16	12	13	5
1926-1930	453,6	36	9	7	6	13

BETHELL, Leslie (ed.). The Cambridge History of Latin America, vol. IV, p. 131. In: FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, p. 275, 2003.

Mapa - Distribuição de imigrantes japoneses no Brasil (1940-1950)

OBS. Divisão regional vigente na década de 1950, conforme original do autor.

SAITO, H. O Japonês no Brasil. Estudo de Mobilidade e Fixação. São Paulo: Ed. Sociologia e Política, p. 150, 1961. In: Andanças pelo Brasil em busca de novos horizontes. Jornal Nippo-Brasil On-Line. Disponível em: http://www.brasiljapao.com.br/historia_imigracao/321.php. Acesso em: 18 jul. 2008. Reprodução de mapa.



Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (Acal)

Festa das Estrelas (Tanabata matsuri), no bairro da Liberdade, em São Paulo. A tradicional festividade da comunidade japonesa apresenta diferenças em relação ao evento original realizado em Sendai, no Japão.

TEXTO 1

Para Koichi Mori, professor de Letras Orientais da FFLCH-USP, quando uma cultura migra para outros países, ela é modificada porque sofre intervenções locais e também porque resgata elementos de distintas regiões do lugar de origem (...) O japonês falado no Brasil, por exemplo, é um idioma criado pelos imigrantes, um verdadeiro mix de dialetos de várias províncias japonesas. Na década de 1950, os imigrantes definiram esse novo idioma como identidade lingüística, denominando-o koronia-go. Koronia quer dizer “colônia” e go, do inglês, “ir”.

MANFRINATTO, Ana. Sorry. Liberdade. Revista 100 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Editora Abril, p. 8-10, 2008.

Tabela 2 - Maiores contingentes de estrangeiros residentes no Japão, segundo o país de origem (em milhares) - 2000

País de origem	Homens	Mulheres	Total
Coréia	249	280	529
China	110	143	253
Brasil	103	85	188
Filipinas	16	77	93
EUA	24	14	38
Peru	18	15	33
Tailândia	6	17	23

JAPAN STATISTICAL YEARBOOK, 2005. Tabela adaptada.

TEXTO 2

As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros nipo-descendentes para trabalhar no Japão apareceram em meados da década de 1980. Em geral, eles não tiveram problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois tinham origem japonesa. Eram das primeiras gerações – issei (primeira geração ou pessoas nascidas no Japão) e/ou nissei (segunda geração, os filhos de imigrantes japoneses nascidos fora do Japão) –, logo, muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade; grosso modo, eram homens de idade avançada; chefes de família; casados; sabiam falar japonês e tinham pretensão de estada temporária no Japão.

Enquanto no Brasil a década de 1980 foi caracterizada pela recessão econômica, inflação e desemprego, do outro lado do planeta, o Japão experimentava um boom econômico. As pequenas e médias empresas demandavam mão-de-obra estrangeira. (...) Como nessas empresas não havia perspectiva de carreira ou ascensão profissional, os japoneses – sobretudo os mais jovens, escolarizados, que ingressavam no mercado de trabalho – recusavam-se a trabalhar nelas (...)

Na sociedade receptora, começaram a surgir notícias de restaurantes e lojas de produtos brasileiros atendendo o público consumidor especialmente brasileiro. São pequenos negócios de brasileiros para brasileiros. Passaram a aparecer jornais e revistas em português, voltados aos nipo-brasileiros (...).

A década de 1990 começou a registrar o aumento no volume de imigrantes com várias idas e vindas entre o Japão e o Brasil, sendo facilitadas pelo visto de reentrada no Japão (de acordo com a Reforma de 1990 sobre a imigração naquele país). (...) Acompanhando esse fluxo, notamos uma mudança no perfil dos brasileiros no Japão: gerações mais avançadas (segunda [nissei] e terceira [sansei]); proporção sexual relativamente equiparada; faixa etária mais jovem; sem o domínio da língua (dada a grande presença de brasileiros no Japão, diminui a necessidade de os novos migrantes saberem falar japonês); mais solteiros e recém-casados; caráter mais familiar do que individual; aumento na duração da estada dos brasileiros no Japão; presença de pessoas de origem não-nipônica entre os cônjuges de descendentes de japoneses.

SASAKI, Elisa Massae. imigração para o Japão. Revista Estudos Avançados, São Paulo, n. 20, v. 57, p. 105-109, 2006. Texto adaptado.

TEXTO 3

O Censo japonês, realizado em 2000, informa sobre a situação no mercado de trabalho e educacional para os contingentes estrangeiros. (...) Dos brasileiros residentes no Japão, a maioria de homens e mulheres declarou ter apenas trabalhado. Entre as mulheres, a proporção das que afirmaram ter apenas realizado tarefas domésticas é maior do que as que declararam ter simultaneamente trabalhado e executado tarefas domésticas. Em todos os grupos etários, observa-se a presença de indivíduos que afirmaram não estudar nem trabalhar. É preocupante que, tendo sido a busca por trabalho a maior motivação para a ida ao Japão dos brasileiros, exista uma fração, ainda que residual, de desempregados.

BELTRÃO, K. I.; SUGAHARA, S. Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, n.1, v. 23, p. 65-66, 2006. Texto adaptado.

TEXTO 4

Vim para o Japão em junho de 1988, nas primeiras levas do fenômeno dekassegui. Trabalhei um ano em uma fábrica de fiação para carros, em Toyohashi (Aichi), e depois, fui para uma fábrica de autopeças em Kosai (Shizuoka), onde fiquei mais um ano e meio. Depois disso, fui trabalhar em uma fábrica de futon [colchões ou acolchoados japoneses] em Gamagori (Aichi).

Três anos depois, eu me casei e fiquei grávida das minhas duas primeiras filhas, que são gêmeas e nasceram em 1994. Na época, para eu não ter de parar de trabalhar, o meu chefe propôs que eu atuasse dando assistência para os brasileiros que ainda tinham muitas dificuldades de adaptação e com coisas do dia-a-dia. O que eu mais fazia era ajudar as pessoas a providenciar documentos e tirar visto e carteira de motorista, além de acompanhá-las em hospitais e clínicas, por exemplo.

YOSHINAGA, Gilberto. Resolvendo problemas de dekasseguis. *Jornal Brazil Communication*. Aproximando Brasil e Japão. Disponível em: <http://ma-deinjapan.uol.com.br/2008/04/11/resolvendo-problemas-de-dekasseguis/>. Acesso em: 13 ago. 2008. Depoimento de Eliza Yuka Sato.

QUESTÕES

1 Sobre o contexto das primeiras décadas do século XX em que se deu a vinda de imigrantes para o Brasil, considere as afirmações a seguir:

I - Existia no período forte demanda de mão-de-obra para a lavoura cafeeira no Sudeste, o que propiciou a vinda de imigrantes para o país, incluindo-se aí os japoneses.

II - Ao lado de portugueses, espanhóis e italianos, os japoneses vieram inicialmente ao país para trabalhar nas cidades como operários na nascente produção fabril.

III - Além do trabalho nas plantações de café, os japoneses passaram a se dedicar também à produção de outros bens agrícolas, caso da horticultura.

Estão corretas as afirmações contidas em

(A) I e II.

(B) I, II e III.

(C) II e III.

(D) I e III.

2 Analisando-se a distribuição e os movimentos dos japoneses no território nacional ao longo das décadas de 1940 e 1950, é correto afirmar que esses contingentes de imigrantes

(A) optaram por formar colônias agrícolas nos estados de São Paulo e Paraná, evitando o deslocamento para outras regiões do país.

(B) concentraram-se em São Paulo, dispersando-se também para outros estados e registrando presença em todas as regiões do país.

(C) abandonaram o estado de São Paulo, estabelecendo-se em áreas rurais dos estados do Centro-Oeste e na faixa nordeste do Pará.

(D) escolheram a faixa litorânea do estado de São Paulo para estabelecer colônias agrícolas, evitando fixarem-se nas demais regiões.

3 A presença japonesa no Brasil pode ser observada na circulação de indivíduos de origem nipônica, nas fachadas e nos letreiros de bairros como a Liberdade (SP) ou em comunidades agrícolas formadas por nikkeis. De acordo com as informações apresentadas anteriormente, é correto afirmar que os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil

- (A) abandonaram suas tradições culturais originais, hoje substituídas por traços culturais brasileiros.
- (B) mantiveram intacta a cultura japonesa original, preservando a língua, religião e hábitos alimentares.
- (C) criaram novos traços de identidade cultural baseados em referências diversas, como as japonesas e as brasileiras.
- (D) conservaram sua cultura original, reforçada pela ida ao Japão de membros de suas comunidades.

4 Em relação aos dados apresentados sobre imigrantes estrangeiros no Japão, leia as considerações a seguir:
I - Os contingentes de brasileiros e peruanos, em regra, diferenciam-se de imigrantes de países asiáticos por sua origem, pois muitos deles são nikkeis ou seus cônjuges.
II - Imigrantes do Brasil e do Peru de todas as gerações adaptaram-se melhor que os demais estrangeiros, por serem de origem japonesa e dominarem a língua do país.
III - Os brasileiros constituem o terceiro maior contingente de imigrantes estrangeiros no Japão, atrás apenas de coreanos e chineses.

Estão corretas as afirmações contidas em

- (A) II e III.
- (B) I, II e III.
- (C) I e III.
- (D) I e II.

5 Quanto às características dos brasileiros que se dirigiram ao Japão da década de 1980 até os dias de hoje, é correto afirmar que

- (A) houve mudanças no perfil dos imigrantes, com o recente ingresso de maior número de jovens, famílias, recém-casados e presença de cônjuges não nipônicos.
- (B) manteve-se o mesmo perfil do imigrante, constituído por jovens homens e mulheres, que viajaram desacompanhados e não dominam a língua japonesa.
- (C) houve mudanças no perfil dos imigrantes, passando hoje a predominar os homens mais velhos, casados, que viajaram sozinhos e falam japonês.
- (D) manteve-se o mesmo perfil das primeiras levas, composto de famílias com filhos, recém-casados e jovens solteiros de ambos os sexos que viajaram sozinhos.

6 Em relação às ocupações, atividades e posições no mercado de trabalho de brasileiros residentes no Japão, uma pesquisa do Censo japonês revelou que

- (A) apenas os homens trabalham fora, enquanto as mulheres estudam e cuidam do lar.
- (B) a maioria dos homens e mulheres vem se dedicando ao trabalho fora de casa.
- (C) dos que trabalham fora de casa, o maior contingente é formado por mulheres.
- (D) o desemprego vem afetando a maior parte dos contingentes de homens e mulheres.

BLOCO 2**TEMA GERAL: A QUESTÃO DOS BIOCOMBUSTÍVEIS: ETANOL X PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NO MUNDO**

Cercada de polêmicas e divergências, a crise na produção de alimentos no mundo e sua relação com a produção de biocombustíveis (ou agrocombustíveis) como o etanol ocupou os noticiários ao longo do primeiro semestre de 2008.

Em junho, líderes de mais de 180 países reuniram-se em Roma para debater o tema na Conferência da FAO, agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para Agricultura e Alimentação. Pouco antes, o ex-relator da ONU para o direito alimentar, o suíço Jean Ziegler, declarou que a produção de etanol é responsável pelo aumento nos preços dos alimentos, classificando-a de “crime contra a humanidade”. Representando o Brasil no evento, o presidente Lula defendeu o etanol à base de cana-de-açúcar no Brasil e atacou o petróleo, a especulação financeira e o protecionismo dos países ricos, para ele responsáveis pela atual crise dos alimentos.

Registraram-se nesse período violentos protestos contra a alta nos preços e a escassez de alimentos em diversos países pobres, como Haiti, Zimbábue e Mauritânia.

Está em questão, portanto, garantir a segurança alimentar das populações e, ao mesmo tempo, desenvolver fontes de energia limpas, viáveis e renováveis e avaliar seus usos.

SOBRE O TEMA, LEIA OS TEXTOS E ANALISE ESQUEMAS, TABELA E GRÁFICO. COM BASE NAS INFORMAÇÕES, RESPONDA ÀS QUESTÕES 7 A 12.

Tabela - Produção agropecuária no Brasil e no mundo (2005)

Produto	Produção Mundial (milhões de toneladas)	Produção brasileira (milhões de toneladas)	%Brasil	O Brasil no ranking mundial	Outros produtores líderes
Café	7,7	2,1	28,0	1º	Vietnã (2º) Indonésia (3º)
Feijão	18,7	3,0	16,4	1º	Índia (2º) China (3º)
Laranja	59,6	17,8	29,8	1º	Argentina (2º) Paraguai (3º)
Cana-de-açúcar	1291	420	32,5	1º	Índia (2º) China (3º)
Banana	72	6,7	9,2	2º	Índia (1º) China (3º)
Carne bovina	60	7,7	12,9	2º	EUA (1º) Argentina (3º)
Carne de frango	69,7	8,6	5,4	2º	EUA (1º) México (3º)
Soja	214	50	23,4	2º	EUA (1º) Argentina (3º)
Milho	701	34,8	5,0	3º	EUA (1º) China (3º)
Carne suína	102	3,1	3,0	4º	EUA (1º) Alemanha (2º) Espanha (3º)

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO (FAO). Almanaque Abril. São Paulo: Editora Abril, p. 97, 2008. Tabela adaptada.

TEXTO 1**CRISE DOS ALIMENTOS: AS CAUSAS**

A combinação de cinco fatores principais desencadeou uma alta média de 57% nos preços dos alimentos entre 2007 e 2008. O milho, por exemplo, teve seu preço dobrado nos últimos dois anos. Para as pessoas que vivem no limiar da miséria, isso significa a fome. A gravidade da situação já chamou a atenção de organismos internacionais como a ONU, o Banco Mundial e o FMI.

1. Países estão comendo mais (principalmente os emergentes)

Esse pode ser considerado o principal fator para o surgimento da atual crise. A economia mundial cresceu 20% nos últimos quatro anos, aumentando o consumo de alimentos em países emergentes como China, Índia e Brasil, onde vive uma parcela de mais de 30% da população mundial.

2. Recordes sucessivos do preço internacional do petróleo

O preço do barril de petróleo aumentou 110% entre o início de 2007 e abril de 2008, o que elevou o preço dos transportes e dos insumos, como fertilizantes e adubos. A interrupção da produção de petróleo na Nigéria, a contínua queda do dólar ante o euro e o temor pela crescente demanda na China fizeram com que o petróleo chegasse próximo à casa dos 120 dólares em abril de 2008.

3. A ação dos especuladores e a queda acentuada do dólar

No caso do trigo, o preço cresceu também em função da especulação financeira. A crise global de crédito originada nos Estados Unidos e a constante queda do dólar fizeram com que investidores procurassem os fundos de commodities como alternativa. Acabaram ajudando a jogar os preços para cima.

4. Aumento da produção destinada aos biocombustíveis

O principal problema tem relação com o etanol produzido nos Estados Unidos. O FMI estima que a produção de etanol americana é responsável por metade do aumento da demanda mundial de milho nos últimos três anos. Isso aumentou o preço do milho e das rações. Dessa forma, aumentam também os custos de produtos bovinos e suínos, já que o milho é usado em rações animais. (...)

5. Fatores naturais que atrapalham a produção agrícola

Doenças nos rebanhos, enchentes e pragas provocaram graves quebras de safra na China, na Europa e na Austrália, reduzindo a oferta de comida. A Austrália, segundo maior exportador de trigo, teve forte seca.

VEJA. Demanda cresce, o clima atrapalha e o preço sobe. Veja.com. Crise dos alimentos. São Paulo: Editora Abril, 2008. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise-dos-alimentos/contexto1.html>. Acesso em: 1º ago. 2008. Texto adaptado.

Esquema 1 - Área plantada com cana-de-açúcar para o etanol e outras lavouras (Brasil)

Área total do Brasil
850 milhões
de hectares

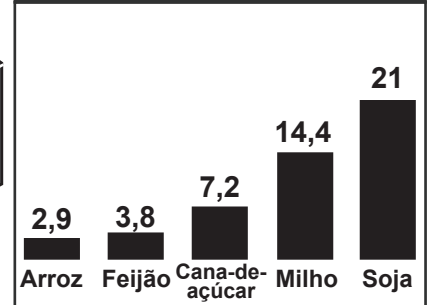
Terras aráveis
355 milhões
de hectares

Área plantada
20,2% do total de terras aráveis
(72 milhões de hectares)

Área da plantação
de cana para etanol

1% do total de terras aráveis
(3,6 milhões de hectares)

Outras lavouras
(em milhões de hectares)



No Brasil, são produzidos **7 500 litros** de etanol por hectare plantado de cana



Esquema 2 - Área plantada com milho para o etanol e outras lavouras (Estados Unidos)

Área total dos Estados Unidos*
800 milhões
de hectares

Terras aráveis
270 milhões
de hectares

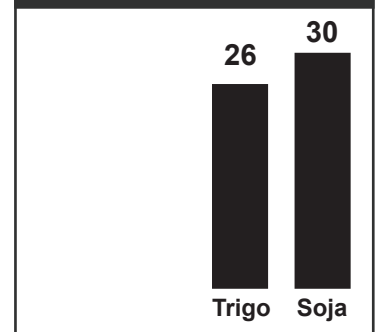
Área plantada
64,8% do total de terras aráveis
(175 milhões de hectares)

Área da plantação
de milho para etanol

3,7% do total de terras aráveis
(10 milhões de hectares)

* Excluindo o Alasca

Outras lavouras
(em milhões de hectares)

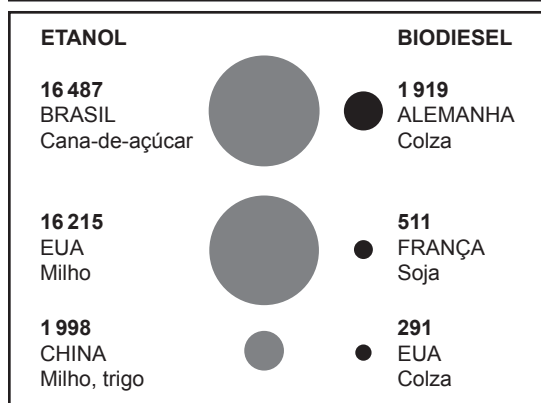


Nos Estados Unidos, são produzidos **3 000 litros** de etanol por hectare plantado de milho



VEJA. In: DULIBI, Julia. Ele é o falso vilão. Veja, ed. 2058, ano 41, n. 17, p. 60-61, 30 abr. 2008. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/energia/conteudo_277187.shtml?func=2. Acesso em: 18 ago. 2008.

Gráfico - Maiores produtores de safras especializadas e biocombustíveis (2005)
Em milhões de litros



WORLD RESOURCES INSTITUTE/EARTHTRENDS, 2007; WORLD WATCH, 2006; US DEPARTMENT OF ENERGY, 2006. Dossiê Terra. São Paulo: Editora Abril, p. 68, 2007.

TEXTO 2

A última reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) não chegou a um consenso entre os países membros, mas estabeleceu nova relação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Liderado por Brasil, Índia e China, o chamado G-20+, grupo de países emergentes, foi criado para dar um basta à tímida participação desses países nas negociações comerciais internacionais. (...)

Estados Unidos e União Européia (UE) investem US\$ 350 bilhões ao ano para proteger produtos agrícolas como laticínios, açúcar, arroz, trigo, milho e carne. Esses subsídios criam uma situação artificial de mercado, que mina a competição igualitária de outros países produtores. Os governos ricos pagam para os agricultores a diferença entre os custos de produção e o valor dos produtos agrícolas no mercado internacional. Há casos em que o custo de produção nesses países chega a ser superior ao valor pago pelos produtos no mercado externo. Essa prática força uma queda internacional dos preços, o que diminui a competitividade dos países em desenvolvimento.

BARATA, G. F. Subsídios agrícolas dos ricos prejudicam países pobres. *ComCiência*, Brasil rural: C&T no campo, p. 1-4, 10 out. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/agronegocio/02.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2008.

TEXTO 3

ONU DEFENDE O ETANOL E ATACA OS SUBSÍDIOS AGRÍCOLAS DOS PAÍSES RICOS

Já temendo guerras por alimentos e a queda do crescimento por causa da falta de comida, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, atacou ontem os especuladores e as políticas agrícolas dos países ricos. Para ele, o petróleo, os subsídios e o protecionismo comercial, e não o etanol, estão entre os responsáveis pelo atual caos.

Falando na Conferência da ONU para o Desenvolvimento e Comércio, em Acra (Gana), Ban anunciou a criação de um grupo para estudar soluções para a crise de alimentos. Fez ainda um alerta para os países ricos. "Chegou o momento de as nações ricas repensarem os programas velhos e fora de moda de subsídios agrícolas." Para ele, essa prática contribui para distorcer mercados e punir os mais pobres.

Para a ONU, está na hora de a Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC) ser concluída e de os subsídios serem eliminados. "Se não conseguirmos eliminar essas relíquias agora com os preços altos, quando conseguiremos?", questionou o secretário-geral.

CHADE, Jamil. ONU defende o etanol e ataca os subsídios agrícolas dos países ricos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 abr. 2008. *Economia & Negócios*. Disponível em: <http://txt4.estado.com.br/editorias/2008/04/21/eco1.93.4.20080421.1.1.xml>. Acesso em: 18 ago. 2008.

TEXTO 4

"Essa é a primeira vez que planto apenas milho, e nada de feijão. A tentação é a de deixar de criar gado e só produzir milho", diz Roger Harders, fazendeiro de Nebraska, EUA.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, ano 7, n. 91, p. 60-61, out. 2007.

TEXTO 5

Em 1970, havia 200 milhões de carros no mundo; em 2006, já eram mais de 850 milhões. O aumento da riqueza em países em desenvolvimento pode dobrar esse número até 2030. Existe forte vínculo entre a renda e a posse de um veículo.

DOSSIÊ TERRA. São Paulo: Editora Abril, p. 67, 2007.

TEXTO 6

No Brasil o etanol já representa 45% do total de combustível consumido pelos automóveis – unicamente por veículos de passeio atualmente, embora em breve também possa ser usado por motos, ônibus e aviões de pequeno porte. A cifra cresce à medida que o barril de petróleo fica mais caro. “Aqui o etanol já é mais popular que o petróleo”, diz Marcos Jank, presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única). “Agora o petróleo é que é a energia alternativa no Brasil, e não o inverso.” A principal razão de sua popularidade é o baixo preço, que é em média 30% mais barato que a gasolina. “Enquanto o preço do petróleo não pára de subir, o do etanol caiu e agora é mais econômico que a gasolina, inclusive sem nenhum tipo de subvenção”, afirma Jank.

PÉREZ, Lorena Farràs. Azúcar en el depósito. La Vanguardia. Tradução UOL. Cana-de-açúcar e o etanol estão se tornando outro símbolo de Brasil, 18 jun. 2008. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lavanguardia/2008/06/19/ult2684u458.jhtm>. Acesso em: 20 jul. 2008.

GLOSSÁRIO

Colza – planta do gênero brassica (inclui couve, couve-flor, nabo, mostarda e outras), utilizada como incremento na produção de óleos lubrificantes, sabões e biodiesel.

Commodity, commodities – em inglês, o termo significa literalmente mercadoria. No comércio internacional, refere-se às mercadorias em estado bruto ou produto primário de importância comercial, como café, chá, algodão, grãos, estanho, cobre e outras.

Rodada Doha – rodada de negociações em andamento desde 2001 na Organização Mundial do Comércio (OMC) que busca acordo entre os países membros em relação a vários temas, entre os quais os subsídios agrícolas.

QUESTÕES

- 7** Em relação à participação na produção agropecuária mundial, é correto afirmar que o Brasil
- (A) direcionou o conjunto de suas terras agrícolas, recursos hídricos, créditos e tecnologias disponíveis para produzir etanol à base de cana-de-açúcar.
 - (B) persistiu na produção e exportação de uma commodity agrícola, o café, mantendo a base produtiva estabelecida a partir do final do século XIX.
 - (C) modernizou e diversificou sua produção agropecuária, com destaques como a produção de grãos, laranja, cana-de-açúcar e carne bovina.
 - (D) especializou-se no cultivo de cana-de-açúcar para o etanol, mas apresenta reduzido volume de produção e baixa produtividade nas culturas alimentares.

- 8** Sobre a questão da produção de alimentos, observe as manchetes de noticiários a seguir:
- I - Preço do barril de petróleo tem novo recorde. O preço subiu mais de US\$ 11 e chegou a ser negociado a US\$ 139 (cerca de R\$ 226,50). (Agência Brasil, 06/06/2008.)
 - II - Supremo Tribunal Federal aprova sem restrições uso de células embrionárias em pesquisas. (O Dia on line, 29/05/2008.)
 - III - Seca na Austrália arrasa fazendeiros. O país enfrenta a pior seca dos últimos cem anos (Opinião e Notícia, 06/10/2007.)

Contribuem para explicar a crise na produção de alimentos no mundo atual os fatos noticiados em

- (A) I, II e III.
- (B) I e III.
- (C) II e III.
- (D) I e II.

- 9** Em relação ao etanol produzido à base de cana-de-açúcar no Brasil e do etanol feito do milho nos Estados Unidos, é correto afirmar que
- (A) comparado aos Estados Unidos, o Brasil vem destinando proporcionalmente mais terras para cultivar matérias-primas para produzir etanol.
 - (B) Brasil e Estados Unidos substituíram sua produção agropecuária por matérias-primas vegetais voltadas à produção do etanol.
 - (C) comparado ao Brasil, o plantio para o etanol nos Estados Unidos ocupa mais terras aráveis e apresenta maior produtividade por hectare.
 - (D) o etanol produzido no Brasil possui hoje maior produtividade por hectare do que o etanol produzido nos Estados Unidos.

10 De acordo com os dados apresentados sobre o papel dos biocombustíveis na atual crise da produção de gêneros alimentícios no mundo, lideranças de entidades como a ONU recomendam que os países

(A) aumentem os subsídios agrícolas, em especial os países desenvolvidos com baixa produtividade no cultivo de matérias-primas vegetais voltadas à geração de energia.

(B) organizem a produção agrícola para atender às necessidades de energia e alimentos de suas populações, evitando gerar excedentes para o mercado mundial.

(C) reavaliem programas de geração de energia que provocam redução na produção de alimentos e alterem políticas de protecionismo comercial e de subsídios agrícolas.

(D) suspendam imediatamente a produção de matérias-primas vegetais para fontes alternativas de energia como o etanol e o biodiesel e passem a produzir alimentos.

11 Dentre os países que vêm se destacando na produção de biocombustíveis, seja etanol ou biodiesel, estão os que possuem características como

(A) existência de pesquisas e investimentos em fontes de energia alternativas aos combustíveis de origem fóssil, caso de produtores agrícolas como Brasil e Estados Unidos.

(B) elevado desenvolvimento tecnológico e disponibilidade de recursos financeiros, caso de grandes produtores agrícolas como a Argentina e os países africanos.

(C) grande extensão territorial e disponibilidade de terras férteis e clima tropical, caso de celeiros agrícolas como Brasil, Alemanha e Vietnã.

(D) economia agrícola altamente subsidiada e peso político na agenda de organizações internacionais, caso dos países da União Européia.

12 Sobre o uso de biocombustíveis no momento atual, examine as considerações a seguir:

I – Além de se constituírem em fontes de energia viáveis economicamente e sustentáveis do ponto de vista ambiental, o etanol e o biodiesel são hoje utilizados predominantemente em sistemas de transportes coletivos de massa, beneficiando o conjunto das populações dos países.

II – Ao lado da busca de fontes de energia limpas e renováveis, é importante que os países realizem investimentos em transportes coletivos e outros meios alternativos ao uso do automóvel individual, um agente que pode provocar poluição atmosférica e congestionamentos em grandes cidades.

III – Apesar do seu potencial para se constituir em alternativa aos combustíveis de origem fóssil, o etanol inscreve-se num quadro de aumento exponencial da produção mundial de veículos e hoje é utilizado em larga medida para abastecer automóveis particulares em países como o Brasil.

Estão corretas as afirmações

- (A) I e II.
(B) II e III.
(C) I e III.
(D) I, II e III.

BLOCO 3

TEMA GERAL: TURISMO NO BRASIL E NO MUNDO – FLUXOS, MODALIDADES E PRÁTICAS TURÍSTICAS

O turismo pode ser considerado como um sistema composto de atores sociais, práticas e espaços e vinculado ao lazer, descanso ou entretenimento de indivíduos. As práticas turísticas caracterizam-se por dois elementos centrais: a) o deslocamento; b) a presença de indivíduos ou grupos fora de seu cotidiano e de seus espaços de vida habituais. Isso suscitou a criação e manutenção de espaços turísticos e de um setor do mercado associados ao “fazer turístico” tal como o conhecemos hoje.

Em sua face econômica, o turismo vem se consolidando como um importante setor de atividades. Dados da Organização Mundial do Turismo apontam quase 900 milhões de chegadas de turistas internacionais aos mais diferentes destinos em 2007. Gerou-se com isso uma receita anual de cerca de 730 bilhões de dólares, ou 2 bilhões de dólares ao dia. Apesar desses números, boa parte dos países obtém as principais receitas do turismo no mercado doméstico.

O turismo vem sendo cada vez mais objeto de pesquisas científicas e estudos escolares, abordando tanto os lugares e fluxos turísticos como os sistemas de mobilidade espacial, as modalidades turísticas. Mas, para além do fato econômico, pesquisadores alertam que é preciso aprofundar a compreensão sobre os turistas e suas práticas e melhor conhecer suas motivações e escolhas para as viagens.

TEXTO 1**DUBAI**

Há três décadas, ao perceber que suas reservas de petróleo estavam minguando, Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, decidiu se tornar o principal entreposto comercial no Golfo Pérsico. Começou por construir um porto artificial, criou zonas francas e, mais recentemente, iniciou uma série de construções megalomaniacas para atrair turistas e impressionar investidores. Ilhas artificiais no formato de palmeiras, shopping centers e mais de uma centena de hotéis foram inaugurados ou estão em fase de construção. O número anual de turistas já supera em cinco vezes a população do emirado, que é de 1,2 milhão.

Além das obras espetaculares, o emirado oferece legislação favorável para o capital externo e doses surpreendentes de tolerância cultural. Por exemplo, é permitido o consumo de bebidas alcoólicas nos hotéis e as mulheres podem andar com o rosto descoberto.

TEIXEIRA, Duda. Todas querem ser Dubai. Veja, ed. 2066, 25 jun. 2008, p. 173. Texto adaptado.



Ilhas privadas do arquipélago artificial The World (Dubai, EAU).



Divulgação

Divulgação

Edifício Burj Dubai Tower (Dubai, EAU).

TEXTO 2**A AMADORA ARTE DE VIAJAR**

O problema não é só o turismo fast food, essas viagens e excursões que parecem feitas para dizer que foram feitas – para contar aos íntimos, na volta, que você andou de gôndola ou subiu na Estátua da Liberdade, mesmo que tenha ficado meros dois dias em Veneza ou confundido Nova York com Miami. (...)

Por mais que queiram escapar ao lar, resta uma vontade de voltar rápido a ele, por isso o turista parece sempre tenso e ansioso. É como se toda rotina precisasse dessas fugas e refúgios para se fortalecer ainda mais. Nesse jogo de compensação, quem fica de fora é exatamente o conhecimento, a imersão mais lenta porém mais duradoura num ambiente estranho que, muitas vezes, pode até parecer estranhamente familiar. Acho curioso que as pessoas viajem para os lugares com nada além de algumas informações genéricas ou utilitárias (...) E que, uma vez ali, não façam pelo menos duas coisas fundamentais: ler a imprensa local, para não dizer a literatura; e andar a esmo, flunar, como a chutar pedrinhas pelas ruas.

Ler e caminhar, ambos sem muita “objetividade”, fazem a diferença entre o bom e o mau turista. É com olhos livres e sapatos gastos que se faz uma viagem marcante.

Não basta visitar os lugares manjados e comer os pratos típicos; é preciso estar aberto ao novo, correr os riscos, ter a paciência de não sair catalogando o que vê como “maravilhoso” ou “decepcionante”. (...) Também não vejo sentido em não alternar o estilo de viagem, das mais sofisticadas às mais rústicas, das mais próximas às mais distantes, das mais breves às mais longas. Certa hierarquia é necessária, mas os acasos – viagens para lugares que não eram prioridade, mudanças de rotas decididas no último instante – devem sempre ser bem-vindos, porque o inesperado é o ingrediente mais importante de qualquer viagem. Voltar a um lugar que se conhece é essencial, como reler um livro que nos absorveu.

PIZA, Daniel. A amadora arte de viajar. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 jan. 2008, p. D3. Texto adaptado.

Mapa - Locais sagrados mais populares visitados pelos fiéis



TEXTO 3

TURISMO RELIGIOSO

A primeira idéia que se tem ao mencionar o termo Turismo Religioso é de que seu usuário pretenda, tão-somente, fazer um trocadilho com as duas noções. Afinal, de que maneira os aspectos ditos “profanos” do universo turístico – lazer, prazer, entretenimento e descontração – podem compor uma atividade cheia de obrigações espirituais ou “sacrifícios” como um fenômeno religioso? (...)

O Turismo Religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, santos populares, devotos e sacerdotes/profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. O adjetivo “religioso” deve ser reconhecido em toda a sua amplitude, embora esteja perigosamente comprometido com a perspectiva cristã. (...) Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade. (...)

Mas até que ponto uma peregrinação a Benares (no hinduísmo), a Meca (no islamismo), a Santa Sophia (cristã) ou a Jerusalém pode ser considerada uma fenômeno turístico? Não estaria havendo aí uma mistura ou confusão entre o visitante motivado pelo mistério religioso (o peregrino) com aquele apenas interessado na materialidade cultural desses eventos ou localidades? Efetivamente, sim: há mistura e confusão, mas exclusivamente provocada pela própria realidade complexa da visitação religiosa. Até em Fátima tenta-se resolver o impasse com o seguinte aviso ao visitante, no portal de entrada do Santuário: Aqui termina o turista e começa o peregrino. Em outras palavras: troque sua personagem; mas saiba que o ator continuará o mesmo.

Por essa razão entende-se aqui ser o mais sensato não ignorar que o Turismo Religioso seja, ao mesmo tempo, uma forma indiscutível de turismo e uma manifestação evidente da religiosidade contemporânea, em diferentes sociedades.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. Turismo Religioso: uma breve apresentação, 2008. Disponível em: http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso_jornalolince_edicao14.pdf. Acesso em: 19 ago. 2008. Texto adaptado.

TEXTO 4**BOM JESUS DA LAPA (BA) RECEBE A TERCEIRA MAIOR PEREGRINAÇÃO CATÓLICA DO PAÍS**

Na Bahia de todos os santos, um recôndito lugar afastado 900 km da capital manteve-se incólume ao sincretismo que marca as maiores manifestações religiosas de todo o Estado. O santuário de Bom Jesus da Lapa é 100% católico e atrai a terceira maior peregrinação do país. O município de 70 mil habitantes recebe anualmente 700 mil romeiros vindos de toda parte do Brasil e do mundo.

O que faz deste lugar do centro-oeste baiano diferente de Aparecida (SP) e Juazeiro do Norte (CE) é o visual, capaz de encantar o mais cético dos visitantes. Logo na chegada, o turista se depara com o Morro do Bom Jesus, monumento natural de 90 metros de altura, em cujo interior encontram-se seis grutas decoradas com imagens sacras que detalham o calvário de Jesus Cristo. Uma torre construída na entrada principal em formato de castelo medieval é cercada por estátuas em bronze dos 12 apóstolos. Tudo à beira do rio São Francisco. O Morro do Bom Jesus é cenário de devoção há pelo menos 300 anos.

Segundo a Secretaria Municipal do Turismo, o comércio de produtos religiosos movimentou R\$ 8 milhões todos os anos. Além da rede hoteleira, que dispõe de 5.000 leitos em 200 estabelecimentos, as lembranças também representam uma boa fatia da receita do município. O principal souvenir adquirido pelos turistas é o chapéu de romeiro. Outros itens são as canecas personalizadas com gravuras do Bom Jesus, velas “bentas”, camisetas, chaveiros e imagens sacras.

SAGRADO X PROFANO

Se o dia é dedicado à devoção no Morro do Bom Jesus, à noite todos os caminhos levam à praça Marechal Deodoro, que concentra dezenas de bares, pizzarias e restaurantes. A pizza assada em forno de lenha, bem na esquina da praça, é uma das iguarias mais concorridas. O churrasco e o chope gelado ao som dos clássicos da MPB, do chorinho e dos sucessos da axé music e do forró também empolgam a multidão, que ocupa as cadeiras espalhadas pela rua.

Opções para o turismo ecológico também não faltam no local. No Velho Chico, o verde da natureza contrastado à edificação da ponte que liga Bom Jesus da Lapa a Santa Maria da Vitória tem grande relevância para nativos e visitantes.

Na Barrinha – praia fluvial que fica do lado norte da ponte – as opções são variadas. Quem gosta de apreciar a fauna, a flora e também as águas do Velho Chico pode fazer um passeio de lancha que custa em média R\$ 5. Já os que apreciam a culinária regional podem saborear moquecas e assados de peixes típicos do rio São Francisco como o surubim e o mandim.

CARVALHO, Gabriel. Bom Jesus da Lapa (BA) recebe a terceira maior peregrinação católica do país. Uol Viagem, 12 jun. 2008. Disponível em: <http://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/06/12/ult4466u312.jhtm>. Acesso em: 13 ago. de 2008. Texto adaptado.

GLOSSÁRIO

Flanar – perambular; vaguear; andar ociosamente sem rumo ou sentido certo.

Sincretismo – fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas; ato ou fato de se juntarem partes distintas ou opostas.

QUESTÕES

13 Sobre os principais países emissores de turistas ao Brasil e as viagens de turistas brasileiros ao exterior, considere as afirmações a seguir:

I - Visitam nosso país tanto os turistas vindos do mundo desenvolvido, como Estados Unidos e países da Europa ocidental, como os procedentes de países vizinhos ao Brasil.

II - No período atual, o número de turistas internacionais que visitam o Brasil é maior do que o número de brasileiros que se dirigem ao exterior.

III - Entre os maiores receptores de turistas brasileiros, destacam-se os países que oferecem roteiros de visitação ao patrimônio natural, como parques e reservas situados em áreas de grande biodiversidade.

Estão corretas as afirmações:

(A) I e II

(B) I e III

(C) II e III

(D) I, II e III

- 14** Em relação aos fluxos de turistas internacionais segundo os continentes ou regiões, de acordo com as previsões da Organização Mundial do Turismo, está correto afirmar que
- (A) a África e a Ásia, com destaque para o Oriente Médio, deverão se tornar os principais destinos turísticos nos próximos anos.
 - (B) juntos, o continente americano, a África e o sul da Ásia deverão registrar o maior percentual de visitantes nos próximos anos.
 - (C) cresce o número de chegadas em todos os continentes e regiões, tendência que deverá se verificar nos próximos anos.
 - (D) vem crescendo o número de visitantes na Europa, América e parte da Ásia, enquanto diminuem as chegadas ao Oriente Médio e à África.
- 15** Contribuem para explicar o crescimento do número de turistas internacionais em regiões como os Emirados Árabes Unidos, no Oriente Médio, aspectos como
- (A) a prioridade dada à exploração das reservas locais de gás e petróleo, em detrimento de outros investimentos e atividades.
 - (B) a manutenção dos hábitos e tradições culturais locais, extensiva aos visitantes oriundos de países ocidentais.
 - (C) o crescimento e a expansão do islamismo no mundo e a conservação dos hábitos e tradições culturais locais.
 - (D) o investimento em obras de grande porte e espaços de consumo e a liberalização de alguns hábitos e tradições locais.
- 16** O jornalista e escritor Daniel Piza apresenta uma avaliação crítica de práticas turísticas e programas de visitação oferecidos por certos operadores do mercado do turismo. Segundo o autor, tais planos e práticas em regra apresentam características como
- (A) criar oportunidades para que o visitante conheça as pessoas, culturas e lugares de forma aprofundada.
 - (B) eliminar qualquer contato ou interação social entre os turistas e os habitantes dos lugares visitados.
 - (C) permitir que o viajante ande livremente pelos lugares e construa seu próprio roteiro de visitação.
 - (D) estabelecer roteiros breves de visitação a pontos turísticos mais conhecidos ou de maior prestígio.
- 17** Sobre o conjunto dos lugares visitados por peregrinos de diversas partes do mundo, expostos no mapa da página 14, é correto afirmar que se referem a
- (A) basílicas, cidades, templos e santuários associados ao cristianismo, em especial ao catolicismo.
 - (B) locais sagrados de diferentes crenças, como cristianismo, islamismo, judaísmo e hinduísmo.
 - (C) templos e santuários situados nos países em que a maioria da população é adepta do islamismo.
 - (D) rotas de peregrinação e templos de religiões orientais, como islamismo, budismo e hinduísmo.
- 18** De acordo com as informações apresentadas nas páginas 14 e 15, planejadores que desejam estimular o chamado turismo religioso devem levar em conta que essa modalidade hoje
- (A) combina práticas e rotinas habituais do turismo com a visitação por motivações religiosas.
 - (B) restringe-se à peregrinação ou visitação a locais sagrados realizadas por fiéis e devotos.
 - (C) caracteriza-se pelo abandono de motivações religiosas, hoje substituídas pelo ecoturismo.
 - (D) perdeu suas motivações originais em função da expansão do consumo de produtos religiosos.

BLOCO 4**TEMA GERAL: A CONSTITUIÇÃO DE UMA ESCALA GLOBAL DE RELAÇÕES HUMANAS**

A globalização não é um processo universal que atua da mesma forma em todos os campos da atividade humana. Ainda que se possa dizer que há uma tendência histórica natural para a globalização nas áreas de tecnologia, comunicações e economia, isso certamente não vale para a política. Estamos comparando aspectos diferentes do mundo que não se desenvolvem de maneira similar.

Não acho que seja possível identificar a globalização apenas com a criação de uma economia global, embora essa seja a sua característica mais óbvia. Precisamos olhar para além da economia. Antes de tudo, a globalização depende da eliminação de obstáculos técnicos. Por exemplo, os revolucionários avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações desde o final da 2ª Guerra Mundial foram responsáveis pelas condições para que a economia alcançasse os níveis atuais de globalização.

O ponto de partida foi a enorme aceleração e difusão dos sistemas de transporte de mercadorias. No passado, a produção estava limitada à área em que ocorria. Até mesmo o comércio era, em certos aspectos, condicionado pela incapacidade de se transportar bens perecíveis através de grandes distâncias. A grande mudança foi o surgimento do transporte de carga por aviões. O exemplo mais óbvio é o fim da sazonalidade dos produtos agrícolas (...)

Pela primeira vez na história da humanidade, isso tornou possível organizar a produção, e não apenas o comércio, em escala transnacional. Até a década de 70, uma companhia que quisesse produzir automóveis em outro país teria de construir uma fábrica inteira e implantar todo o processo de produção no local, por exemplo nas Filipinas. Agora é possível descentralizar a produção de motores e outros componentes e, em seguida, transferi-los para o local mais conveniente para a empresa. (...) A produção não é mais organizada no interior do Estado onde se encontra a sede dessa empresa.

[Portanto] hoje é possível produzir independentemente das fronteiras nacionais e continentais. Esse é o elemento fundamental do processo. (...) Essa é a verdadeira diferença entre a economia global de antes de 1914 e a de hoje. (...) Quando as pessoas falavam de indústria italiana, inglesa ou americana, não estavam se referindo apenas a empresas cujos donos eram cidadãos desses países, mas a empresas que estavam fisicamente localizadas na Itália, na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos, e que em seguida vendiam seus produtos para outros países. Hoje, isso já não existe mais.

HOBSBAWN, Eric. O novo século: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 70-73. Texto adaptado.

GLOSSÁRIO

Sazonalidade – de sazonal, relativo a uma estação do ano.

CONSIDERANDO A PASSAGEM ACIMA, ELABORE UM TEXTO DISSERTATIVO DESTACANDO E DISCUTINDO

- Aspectos do processo de globalização apresentados pelo autor;
- Exemplos da realidade brasileira associados ao processo mencionado;
- As influências das inovações descritas nos fluxos de pessoas, mercadorias e informações.

ATENÇÃO: utilize apenas o espaço reservado para a resposta. Escreva um texto claro, organizado e coerente, de acordo com a proposta do tema. Crie um título para o seu texto.

INSTRUÇÕES:

Prezado(a) estudante, antes de começar a responder a prova, destaque esta folha e preencha corretamente os dados solicitados. Depois, marque apenas uma letra como alternativa correta. Tenha muito cuidado com esta folha. Não a rasgue nem a rasure. Respostas com duas alternativas serão anuladas. No final da prova, entregue esta folha de respostas ao professor responsável por sua sala. Boa sorte!

NOME DA ESCOLA

NOME COMPLETO DO ESTUDANTE

SÉRIE TURMA NÚMERO

ENDEREÇO (logradouro/nº/complemento)

CEP - CIDADE

ESTADO FONE (COM DDD) DATA DE NASCIMENTO / / 1 9

ASSINATURA _____

- | | |
|--------------------------|---------------------------|
| 1 (A) (B) (C) (D) | 10 (A) (B) (C) (D) |
| 2 (A) (B) (C) (D) | 11 (A) (B) (C) (D) |
| 3 (A) (B) (C) (D) | 12 (A) (B) (C) (D) |
| 4 (A) (B) (C) (D) | 13 (A) (B) (C) (D) |
| 5 (A) (B) (C) (D) | 14 (A) (B) (C) (D) |
| 6 (A) (B) (C) (D) | 15 (A) (B) (C) (D) |
| 7 (A) (B) (C) (D) | 16 (A) (B) (C) (D) |
| 8 (A) (B) (C) (D) | 17 (A) (B) (C) (D) |
| 9 (A) (B) (C) (D) | 18 (A) (B) (C) (D) |

TOTAL DE ACERTOS

Caro(a) estudante, não se esqueça de entregar ao aplicador da prova de sua sala as páginas 17 e 18, referentes à sua dissertação, juntas com esta folha de respostas.